

O ENSINO DA GEOGRAFIA E O USO DE NOTÍCIAS NA SALA DE AULA¹
THE EDUCATION OF GEOGRAPHY AND THE USE OF NOTICE IN
THE CLASSROOM

Rosa Elisabete Militz Wypczynski Martins – UPF²

rmartins@upf.br

Resumo: A proposta deste relato é fazer uma reflexão sobre a importância e o compromisso da disciplina de geografia na educação básica de conduzir o aluno a compreender a organização espacial da sociedade como um processo histórico que o homem transformou através da sua intervenção, com práticas voltadas para incorporação de novos temas no cotidiano escolar. Por meio de um projeto desenvolvido na disciplina de geografia em duas turmas de 6^a série do ensino fundamental que trabalhamos no ano de 2005 numa escola estadual da cidade de Passo Fundo – RS, buscamos tornar as aulas mais dinâmicas, participativas e ligadas ao cotidiano dos educandos. O trabalho envolveu a pesquisa em jornais, revistas, internet, de notícias sobre o Brasil, tendo como objetivo proporcionar o desenvolvimento das habilidades de leitura e análise e a reflexão sobre questões que envolvem a vida cotidiana. A promoção de um ensino significativo com práticas que contribuam para que o educando tenha contato com fontes alternativas de informação – TV, filmes, documentários, jornais, trabalho de campo é um desafio que precisa se enfrentado pelos professores de geografia.

Palavras – chave: Ensino de Geografia. Cotidiano. Pesquisa.

Abstract: The purpose of this report is to reflection upon the importance and the commitment of geography as a subject at primary education so as to lead students to understand the spatial organization of society as a historical process that man has transformed through his intervention, with the help of practices intended to the incorporation of new themes into school everyday life. Through a project carried out during geography lessons the researcher taught to two 6th year groups at primary education in 2005 at a state school in Passo Fundo – RS, attempts were made in order to make lessons more dynamical, participative and related to the students' everyday lives. The work involved searching for news about Brazil from newspapers, magazines and the Internet, with the aim of fostering the development of reading skills, as well as analysis and reflection upon issues involving everyday life. Promoting significant teaching with practices that can help learners to have contact with alternative sources of information – TV, films,

¹ Relato de experiência desenvolvida numa escola pública estadual.

² Professora estadual e da Universidade de Passo Fundo; Doutoranda em Geografia/UFRGS

documentaries, newspapers, field research – is a challenge that must be faced by geography teachers.

Key words: Teaching Geography. Everyday. Research.

Em tempos de globalização, nas quais a sociedade mundializada vivencia um processo de grandes mudanças, o conhecimento assume uma centralidade sem precedentes. Presenciamos transformações que se efetivam na economia, nas comunicações, na política e na educação. Esses acontecimentos têm provocado alterações nas relações interpessoais e nas formas de organização do espaço, resultando em grandes mudanças na história da humanidade.

O debate sobre a globalização aponta que esse fenômeno de internacionalização da economia transforma profundamente a forma como concebemos o espaço. A revolução técnico-científica presenciada neste novo século tem contribuído para a criação de territórios mundializados e ilimitados. Para a chamada “economia de mercado” não há barreiras geográficas entre países e continentes. Diversos projetos e realidades estão sendo repensados e redefinidos, abrindo discussões para aspectos contraditórios sobre o local e o regional, a integração e fragmentação do espaço. Para Milton Santos:

A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Para entendê-la, como de resto, a qualquer fase da história, há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado das técnicas e o estado da política. [...] Os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada. (2000, p. 23-24)

Todo esse processo de transformações interfere diretamente na escola, a qual é determinada pela estrutura social na qual está inserida. Isso significa que a

educação como um todo é afetada pela crise, marcada por contradições e conflitos da sociedade. Nesse sentido, é papel da escola fornecer bases sólidas para que seus educandos tenham condições de analisar e compreender a realidade vivida, possibilitando que nela interfiram de maneira consciente e participativa. Compreender a realidade em seus múltiplos aspectos é importante para que a ação educativa contribua para a produção de novos conhecimentos e para que os educandos possam se situar no seu tempo e espaço.

A reflexão sobre questões que envolvem a vida cotidiana contribui para levar os educandos a uma consciência dos fenômenos que eles vivenciam ou presenciaram no dia-a-dia. A leitura e análise da realidade permitem que ele “se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorrem são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento” (CALLAI, H. C.; CALLAI, J. L., 1998, p. 56).

Percebe-se, assim, que, diante desse contexto de forte movimento de transformação, é essencial repensar conceitos e conhecimentos até então prontos e acabados. É preciso entender as modificações ocorridas no espaço geográfico, seu dinamismo e influências do contexto histórico e social. Nessa perspectiva, consideramos importante analisar como essas mudanças têm influenciado o ensino da geografia na escola básica, pois, como afirma Milton Santos:

Para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isto significa saber o que o mundo é e como ele se define e funciona, de modo a reconhecer o lugar de cada país no conjunto do planeta e de cada pessoa no conjunto da sociedade humana. É desse modo que se podem formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro. (1994, p. 121).

Ao longo de sua trajetória, a geografia escolar serviu para difundir os princípios que justificavam a expansão dos territórios e o avanço e domínio das relações capitalistas de produção. Historicamente, a ciência geográfica contribui com informações úteis e necessárias ao processo de avanço e domínios dos

territórios. A emergência e consolidação dos Estados-nação conduzem a que o Estado assumira o compromisso de promover a educação do seu povo. “A publicização da educação é, pois, uma das formas encontradas pela burguesia enquanto classe em ascensão para conquistar a hegemonia, combatendo os privilégios do clero e dos senhores feudais” (PEREIRA, 1999. p. 24). Seu ensino desenvolvia-se com a finalidade de criar uma identidade para os cidadãos, pelo estudo do território, dos mapas, da população, dos recursos naturais e do sistema político e econômico. Segundo Pereira:

A escola e a escolarização se firmam ao longo do século XIX, no mesmo momento em que se dá a consolidação do estado nacional e do capitalismo, sob a hegemonia da burguesia. Detentora do poder político, ela percebe que sua dominação pode ser mantida não apenas através do poder repressivo, mas também da disseminação de seus valores de classe apresentados como universais. A rede de escolas que então se implanta no interior dos diferentes territórios europeus assume um caráter nacional, pois para a constituição do Estado-nação torna-se indispensável a utilização de instituições que possibilitem a imposição da nacionalidade. (p. 26-27).

O contexto histórico e social sempre influenciou o processo de evolução da ciência geográfica. A partir da segunda metade do século XX, iniciou-se uma fase de progresso tecnológico, decorrente de uma integração entre a ciência e a produção, denominada “Terceira Revolução Industrial” ou “Revolução Técnico-Científica”³. Esse fato trouxe avanço aos mais diversos setores da sociedade e modificações no espaço geográfico.

De acordo com Vesentini (1995), a escola e o ensino da geografia passam por transformações desde o final do século XX. O conhecimento geográfico torna-se um dos instrumentos da escola que pode contribuir para a formação de um

³ Vesentini, em seu artigo “O ensino da geografia no século XXI”, utiliza essa denominação. O autor também se refere no mesmo artigo à “Primeira Revolução Industrial”, iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII, e à “Segunda Revolução Industrial”, que começou no final do século XIX.

aluno com capacidade de pensar criticamente a realidade tendo em vista o entendimento da totalidade do espaço e sua transformação.

Edgar Morin (2006) afirma que é preciso uma reforma no pensamento para organizar o conhecimento. Numa alusão a Montaigne, ele diz que “mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia” (p.21), Uma cabeça bem feita é capaz de transformar o conhecimento num conjunto de hábitos e habilidades que ajudarão a pessoa a enfrentar as diferentes circunstâncias do seu contexto de vida. Significa que é preciso mais que acumular saber; é preciso “uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas; princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido” (MORIN, p. 21).

A educação escolar tem um papel importante diante das questões contemporâneas, visto que o cidadão busca novas competências para lidar com esse complexo mundo em que estamos vivendo. A importância social da escola ampliou-se, com o que ela deixou de ser apenas um auxiliar secundário e passou a ser o alicerce básico da modernidade. A escola tem o desafio de abarcar os anseios das novas gerações, e como “finalidade principal, dotar a pessoa da capacidade de pensar crítica e criativamente, e de manter-se em estado interrupto de atualização” (DEMO, 1993, p. 33).

Nesse contexto, o compromisso da disciplina de geografia na educação básica deve ser o de conduzir o aluno a compreender a organização espacial da sociedade como um processo histórico que o homem transformou pela sua intervenção. Isso significa que o ensino de geografia deve fundamentar-se num corpo teórico-metodológico que contemple práticas voltadas para incorporação de novos temas no cotidiano escolar, para tal precisa promover uma educação/geografia que contemple a construção da cidadania e seja um “espaço onde a geografia supere a disciplinaridade coisificante para se converter na produção de saberes que façam da transformação do espaço vivido o objeto catalisador de pensamentos e ações dos educandos”. (REGO, 2000, p. 8).

As reflexões realizadas neste texto nos levam a concluir que vivemos num momento em que as questões se complexificam e exigem novas formas de compreendê-las. Nesse contexto, a geografia, como uma ciência social, é uma

disciplina que pode possibilitar a compreensão dessa complexidade; todavia, isso requer novas formas e novos conceitos para a análise e interpretação desse novo tempo/espaço. A promoção de um ensino significativo com práticas que contribuam para que o educando tenha contato com fontes alternativas de informação – TV, filmes, documentários, jornais, trabalho de campo é um desafio que precisa ser enfrentado pelos professores de geografia. O estudo baseado em experiências concretas e vivenciado pelo educando é fundamental para a aprendizagem significativa. “Se o espaço não é encarado como algo que o homem (o aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde e a geografia torna-se alheia para ele” (RESENDE, 1896, p. 20).

Tendo sem vista nossa convicção de que é preciso superar um ensino de geografia menemônico, com uma visão fragmentada da relação homem-natureza-sociedade, baseado na transmissão mecânica dos conteúdos, procuramos alternativas metodológicas para transformar a geografia numa disciplina que tenha significado na formação dos educandos. O ensino da geografia transformado em ferramenta de leitura da realidade permite trabalhar a complexidade das relações que envolvem o dia-a-dia, possibilitando que o educando compreenda o que está em torno de si.

Nelson Rego, no artigo “O ensino da geografia como uma hermenêutica instauradora”, expressa sua preocupação com a condição do indivíduo que tem uma escassa leitura da vida, o que o impede, muitas vezes, de relacionar e interpretar fatos do seu cotidiano. Por meio do conceito de hermenêutica instauradora, ele situa o ensino da geografia como um meio/ação de propor mudanças.

De que modo eu vejo a geografia e o ensino de geografia como hermenêuticas? A geografia e o seu ensino, parece-me, também exercem uma interpretação de um texto: ela se depara com um texto primeiro e enxerga, através desse texto primeiro, camadas de significados que não estavam enunciados num primeiro momento. E qual é o texto da geografia? O texto da geografia é o espaço geográfico. Nesse sentido, o texto

da geografia é nada mais, nada menos que o mundo, visto sob a perspectiva da contínua construção do espaço geográfico. O espaço geográfico se oferece primeiramente como um texto para as pessoas que nele existem, e como um texto através dos fatos desse espaço geográfico. (p. 279-280).

Acreditamos que, sendo a sala de aula um cenário de interações por excelência, é nela que temos de avançar no sentido de buscar ações voltadas para preparar os educandos para a vida social, para a consciência, para o exercício da cidadania e o entendimento de que é urgente repensar essa sociedade onde há tanta discrepância social e baixa qualidade de vida.

Expomos aqui uma atividade que foi desenvolvida em duas turmas de 6ª série do ensino fundamental que trabalhamos no ano de 2005 numa escola estadual da cidade de Passo Fundo – RS. Com essa experiência buscamos tornar as aulas mais dinâmicas, participativas e ligadas ao cotidiano dos educandos. A geografia da 6ª série está centrada no estudo da formação e das características do território brasileiro. Compreender o processo que envolve a estruturação socioeconômica, o quadro natural, a constituição do Estado e as características populacionais no Brasil é a proposta dessa disciplina no decorrer do ano letivo.

Com o objetivo de proporcionar o desenvolvimento das habilidades de observação e análise, organizamos um projeto envolvendo a pesquisa em jornais, revistas, internet de notícias sobre o Brasil. Para a realização da atividade, os alunos foram divididos em cinco grupos, cada um responsável por pesquisar sobre uma região brasileira. Para evitar descontentamentos, os grupos foram montados por afinidade entre os alunos e as regiões, sorteadas entre eles. A ordem da apresentação ficou a seguinte: região Nordeste; região Sudeste; região Sul; região Norte e região Centro-oeste.

Num primeiro momento, o projeto foi socializado com a turma para que eles pudessem conhecer e fazer proposições, etapa que ocupou duas aulas de 50 minutos. É preciso deixar claro que, para envolver os alunos numa atividade como essa, os desafios são constantes e mobilizam a aprendizagem do professor e dos

alunos. O comprometimento, a responsabilidade na busca de informações e o envolvimento de todos são fundamentais para que o trabalho tenha um caráter científico e a sala de aula seja um local onde há interação da geografia com o mundo.

O trabalho de pesquisa deveria ser organizado da seguinte forma: cada grupo deveria dividir sua pesquisa por temas relacionados a sua região, utilizando imagens e textos de jornais, revistas ou extraídos da internet. As notícias poderiam envolver qualquer tema de interesse do grupo, desde que fossem atuais e relacionadas a fatos do cotidiano do país, tais como violência, meio ambiente, política, mercado de trabalho, educação etc., que contribuíssem para o desenvolvimento da reflexão, do questionamento e o confronto de idéias.

No dia marcado para a apresentação do grupo, o trabalho deveria estar organizado em um painel que ficaria exposto na sala de aula. Dentre as reportagens elencadas para montar o painel, o grupo deveria escolher uma para ser apresentada oralmente e discutida em aula pelos colegas. Para que as aulas não se tornassem cansativas, ficou estabelecido que cada grupo teria 15 minutos para expor a reportagem e 30 minutos para os debates. As apresentações aconteciam uma vez por mês, o que significa que a atividade se estendeu de maio até setembro do ano letivo.

Entre os pontos positivos que se podem destacar desse trabalho, está o de que muitos alunos demonstraram motivação e interesse em continuar lendo jornais e revistas que retratam acontecimentos da realidade; como negativo, a falta de responsabilidade de alguns membros dos grupos na coleta de material para organizar o painel. Por isso, é preciso realizar mais atividades em grupo para estimular a capacidade de trabalhar de forma cooperativa e organizada e a divisão de tarefas e papéis entre os membros do grupo.

O desenvolvimento desse projeto possibilitou que os educandos se envolvessem com a pesquisa, com a leitura de jornais e revistas, ampliando as suas representações sobre a realidade social vivida, estabelecendo uma relação entre o conhecimento geográfico e o mundo real. Como apoio no desenvolvimento

do conteúdo, esse projeto demonstrou ser uma boa alternativa para despertar o interesse dos alunos para as aulas de geografia.

Na perspectiva de promover mudança no ensino e aprendizagem da geografia, é preciso romper com a visão cristalizada dessa disciplina como ciência informativa sobre lugares, clima, relevo, rios. Na visão de Nestor André Kaercher, “mostrar que sabemos geografia não é sabermos dados ou informação atuais ou compartimentadas, mas, sim, relacionarmos as informações ao mundo cotidiano de nossos alunos” (2002, p. 224).

É preciso que a geografia coloque o aluno em contato com o mundo, para que ele possa compreender a sua dimensão e nele interaja, participe, interprete e analise criticamente a complexidade de elementos que se interligam. Só assim, os educandos terão condições de usar o conhecimento como meio de emancipação e transformação social em direção a uma sociedade mais humana e menos desigual.

Referências:

CALLAI, H. C.; CALLAI, J. L. Grupo, espaço e tempo nas séries iniciais. In: CASTROGIOVANI, A. C. et al. (Org.) *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção porto Alegre, 1998. P. 65-76

DEMO, Pedro. *Desafios modernos da educação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, Arioaldo U. de. (Org.) *Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa*. São Paulo: Contexto, 2002. p. 221-231.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

REGO, N; SUERTEGARAY, D. M. A; HEIDRICH, A. (Org.) *Geografia e educação: geração de ambiências*. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 2000.

REGO, N; SUERTEGARAY, D; HEIDRICH, A. O ensino de geografia como uma hermenêutica instauradora. In: REGO, N; AIGNER, C; PIRES, C; LINDAU, H. *Um pouco do mundo cabe nas mãos; geografizando em educação o local e o global*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. P. 275-310

RESENDE, M. S. *A geografia do aluno trabalhador: caminhos para uma prática de ensino*. São Paulo: Loyola, 1986.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000.

PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. *Da geografia que se ensina à gênese da geografia moderna*. 3. ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1999.

VESENTINI, José W. *Para uma geografia crítica na escola*. São Paulo: Ática, 1992.

VESENTINI, José W. O ensino de geografia no século XXI. *Caderno Prudentino de geografia*. Presidente Prudente, AGB, n. 17, 1995. P. 05-18

Artigo encaminhado para publicação em novembro de 2008.

Artigo aceito para publicação em dezembro de 2008.

ISSN 1981-9021 - Geo UERJ - Ano 10, v.2, n.18, 2º semestre de 2008.

WWW.geouerj.uerj.br/ojs